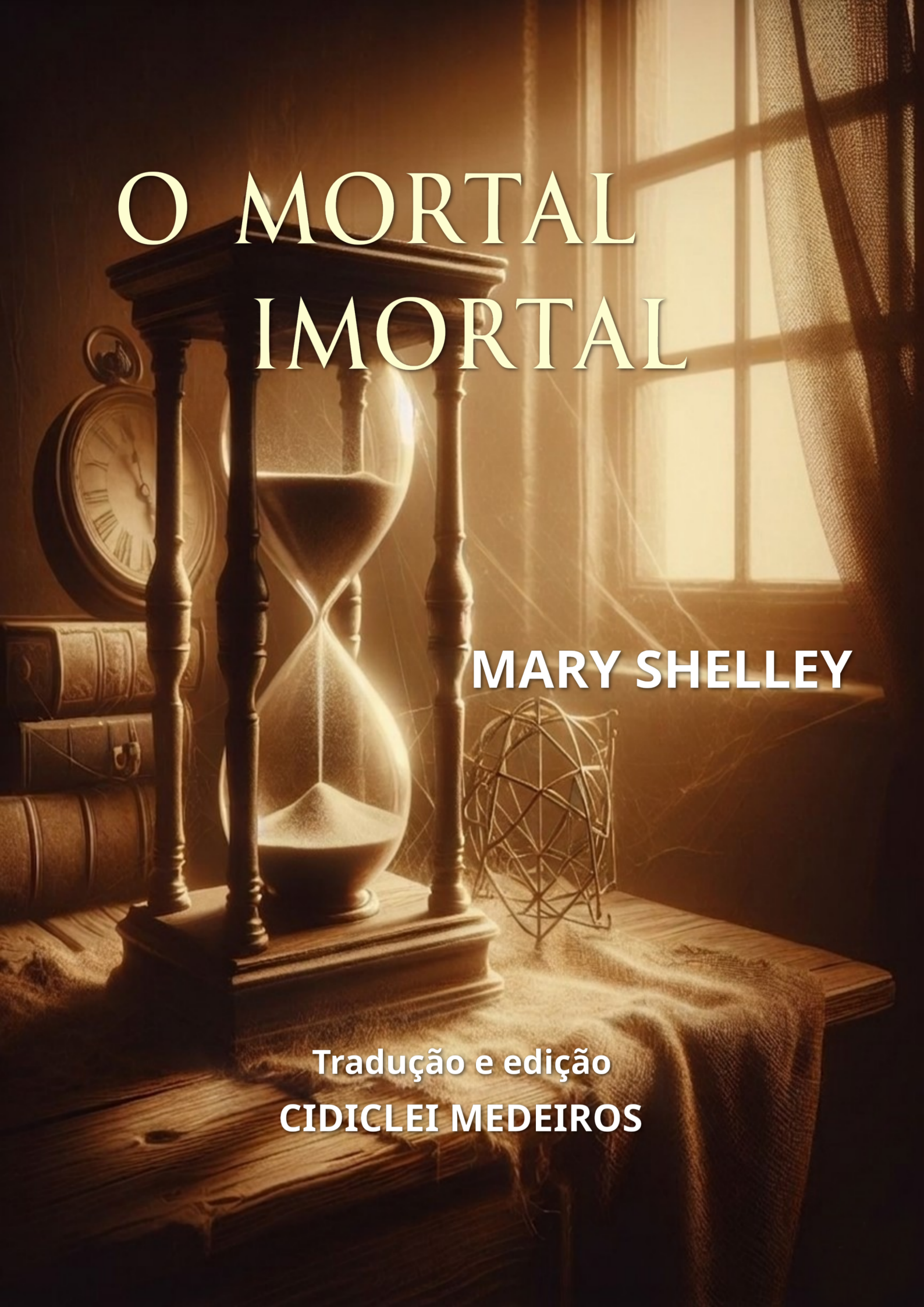

O MORTAL IMORTAL
MARY SHELLEY
Tradução e edição
CIDICLEI MEDEIROS

Esta obra é de acesso livre para fins educacionais.

É permitida a impressão, cópia e distribuição gratuita deste livro para uso didático, pedagógico e não comercial, desde que mantidos os créditos do autor e a integridade do conteúdo.

É proibida a venda, alteração do conteúdo ou uso comercial sem autorização prévia e expressa do titular dos direitos.

Título: O Mortal Imortal
Responsável pela tradução e edição: Cidiclei da Silva Medeiros

1ª edição – 2026
Salvador – BA – Brasil
Publicação independente

https://www.imagismo.com.br/início

# O Mortal Imortal

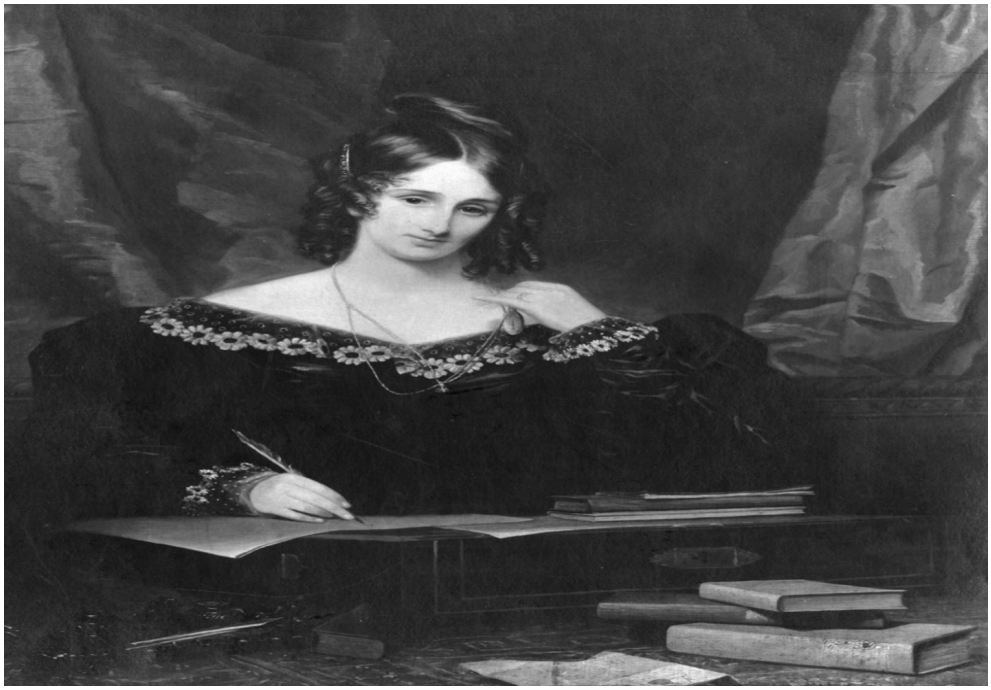
Mary Shelley

Texto Original: Project Gutenberg

Língua Original: Inglês (1833)

Suporte tecnológico de IA na tradução: Gemini (Google)

Tradução, edição, revisão e adaptação literária: Prof. Cidiclei Medeiros



Mary Shelley (1797–1851) foi a escritora britânica que criou Frankenstein (1818), marco inicial da ficção científica. Filha de intelectuais ilustres, casou-se com o poeta Percy Bysshe Shelley, vivendo uma trajetória marcada por viagens e tragédias pessoais. Sua obra-prima gótica nasceu na Suíça, em 1816, fruto de um desafio literário com Lord Byron. Além do famoso monstro, escreveu romances notáveis como O Último Homem (1826), contos e ensaios. Viúva precocemente, dedicou-se a publicar a obra do marido e a sustentar o filho através da escrita, consolidando seu nome como uma das mentes mais brilhantes e influentes do Romantismo.

# O Mortal Imortal

16 de julho de 1833 — Este é um aniversário memorável para mim; nele completo trezentos e vinte e três anos!

O Judeu Errante? — Certamente que não. Mais de dezoito séculos se passaram sobre sua cabeça. Em comparação a ele, sou um Imortal muito jovem.

Sou eu, então, imortal? Esta é uma pergunta que me faço dia e noite, há trezentos anos, e ainda não consigo respondê-la. Hoje mesmo, descobri um fio de cabelo grisalho em meio aos meus cabelos castanhos — o que certamente significa deterioração. Mas talvez ele tenha permanecido ali escondido por três séculos — pois algumas pessoas ficam completamente carecas antes dos vinte anos de idade.

Contarei minha história, e meu leitor julgará por mim. Contarei minha história e, assim, conseguirei passar algumas poucas horas de uma longa eternidade, que se torna tão enfadonha para mim. Para sempre! Será possível? Viver para sempre! Ouvi falar de encantamentos nos quais as vítimas eram mergulhadas em um sono profundo, para despertar, após cem anos, tão revigoradas como sempre; ouvi falar dos Sete Adormecidos — assim, ser imortal não seria tão oneroso. Mas, oh! O peso do tempo interminável — a passagem tediosa das horas que se sucedem! Quão feliz era o lendário Nourjahad! — Mas voltemos à minha tarefa.

O mundo inteiro já ouviu falar de Cornélio Agripa. Sua memória é tão imortal quanto suas artes me tornaram. O mundo inteiro também já ouviu falar de seu discípulo que, sem saber, invocou o demônio maligno durante a ausência de seu mestre e foi destruído por ele. O relato, verdadeiro ou falso, desse acidente trouxe muitos inconvenientes ao renomado filósofo. Todos os seus discípulos o abandonaram de uma vez; seus servos desapareceram. Ele não tinha ninguém por perto para colocar brasas em suas fogueiras sempre acesas enquanto dormia, ou para cuidar das cores mutáveis de seus remédios enquanto estudava. Experimento após experimento fracassou, porque um par de mãos era insuficiente para completá-los; os espíritos malignos zombavam dele por não conseguir manter um único mortal a seu serviço.

Eu era muito jovem, muito pobre e muito apaixonado. Tinha sido aluno de Cornélio por cerca de um ano, embora estivesse ausente quando o acidente aconteceu. Ao retornar, meus amigos imploraram que eu não voltasse à morada do alquimista. Tremi ao ouvir a terrível história que me contaram; não precisei de um segundo aviso; e quando Cornélio veio e me ofereceu uma bolsa de ouro se eu permanecesse sob seu teto, senti como se o próprio Satanás me tentasse. Meus dentes batiam, meus cabelos se eriçaram e saí correndo o mais rápido que meus joelhos trêmulos permitiram.

Meus passos hesitantes guiavam-me para onde, por dois anos, eu me dirigia todas as noites: uma nascente de água pura e borbulhante, junto à qual se demorava uma menina de cabelos escuros, cujos olhos brilhantes mantinham-se fixos no caminho que eu costumava percorrer. Não me lembro de um único momento em que não tenha amado Bertha; éramos vizinhos e companheiros de

brincadeiras desde a infância. Seus pais, como os meus, levavam uma vida humilde, porém respeitável, e nosso afeto era motivo de alegria para eles. Em um momento fatídico, uma febre maligna levou seu pai e sua mãe, e Bertha ficou órfã. Ela teria encontrado um lar sob o meu teto paterno, mas, infelizmente, a velha senhora do castelo próximo, rica, sem filhos e solitária, declarou a intenção de adotá-la. Daí em diante, Bertha vestia-se de seda, habitava um palácio de mármore e todos a viam como altamente favorecida pela fortuna. Mas, em sua nova situação, entre seus novos companheiros, Bertha permaneceu fiel ao amigo de seus tempos de humildade. Ela visitava frequentemente a casa de campo do meu pai e, quando lhe proibiam tal visita, ela se aventurava em direção ao bosque vizinho e encontrava-me junto à fonte sombreada.

Ela frequentemente declarava que não devia à sua nova protetora nenhum dever igual em santidade ao que nos unia. Mesmo assim, eu era pobre demais para o matrimônio, e ela se cansava dos tormentos por minha causa. Bertha possuía um espírito altivo, mas impaciente, e irritava-se com os obstáculos que impediam nossa união. Nós nos reencontramos após uma ausência, e ela sofrera muito enquanto estive fora; queixou-se amargamente e quase me repreendeu por minha pobreza. Respondi de pronto:

— Sou honesto, ainda que pobre! — exclamei. — Se não o fosse, poderia enriquecer em breve!

Essa exclamação gerou mil perguntas. Temi chocá-la com a revelação da verdade, mas ela a arrancou de mim; e então, ao me lançar um olhar de desdém, disse:

— Você finge amar, mas tem medo de encarar o Demônio por minha causa!

Protestei, sob a justificativa de que apenas temia ofendê-la, enquanto ela insistia na magnitude da recompensa que eu receberia. Assim, encorajado — envergonhado por ela —, guiado pelo amor e pela esperança, zombei dos meus temores recentes e, com passos rápidos e coração leve, voltei para aceitar as ofertas do alquimista. Fui imediatamente instalado em meu escritório.

Um ano se passou. Passei a possuir uma quantia considerável de dinheiro. O costume dissipara meus medos. Apesar da vigilância mais minuciosa, jamais detectei o rastro de uma pata fendida, nem o silêncio estudioso de nossa morada jamais sofreu perturbação por uivos demoníacos. Continuei meus encontros furtivos com Bertha, e a esperança surgiu em mim — esperança —, mas não a alegria plena; pois Bertha imaginava que o amor e a segurança eram inimigos, e seu prazer consistia em separá-los em meu peito. Embora sincera de coração, ela mostrava-se um tanto coquete em seus modos, e eu era ciumento, obstinado e severo. Ela me menosprezava de mil maneiras, mas jamais admitia o erro. Enlouquecia-me de raiva e depois me obrigava a implorar seu perdão. Às vezes, por julgar que eu não era submisso o suficiente, inventava alguma história sobre um rival, favorecido por sua protetora. Ela vivia cercada por jovens vestidos de seda — os ricos e alegres da corte. Que chance tinha o estudioso de vestes tristes de Cornélio em comparação com tais fidalgos?

Em certa ocasião, o filósofo exigiu tanto do meu tempo que não pude encontrá-la como de costume. Ele estava envolvido em uma obra grandiosa, e fui obrigado a permanecer, dia e noite, a

alimentar seus fornos e a vigiar seus preparos químicos. Bertha esperou-me em vão na fonte. Seu espírito altivo inflamou-se com essa negligência; e quando finalmente consegui escapar durante os poucos minutos que me eram concedidos para o repouso, na esperança de receber seu consolo, fui recebido com desdém, dispensado com escárnio e sob a promessa de que apenas o homem capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo por causa dela obteria sua mão. Ela se vingaria! E de fato se vingou. Em meu refúgio sombrio, ouvi dizer que ela saíra à caça, acompanhada por Albert Hoffer. Albert Hoffer era o protegido de sua senhora; ambos passaram em cortejo diante da minha janela enfumaçada. Pareceu-me que mencionaram meu nome; seguiu-se uma risada de escárnio, enquanto os olhos escuros de Bertha lançavam um olhar desdenhoso para a minha morada.

O ciúme, com todo o seu veneno e toda a sua miséria, invadiu meu peito. Ora eu derramava uma torrente de lágrimas ao pensar que jamais a chamaria de minha, ora lançava mil maldições sobre sua inconstância. Contudo, ainda precisava atiçar o fogo do alquimista, ainda precisava acompanhar as transformações de seus remédios ininteligíveis.

Cornélio vigiara por três dias e três noites, sem fechar os olhos. O progresso de seus alambiques era mais lento do que ele esperava; apesar da ansiedade, o sono pesava sobre suas pálpebras. Repetidamente, ele se livrava da sonolência com uma energia sobre-humana; repetidamente, ela lhe roubava os sentidos. Ele olhava para seus cadinhos com sofreguidão.

— Ainda não está pronto — murmurou ele. — Será que passará mais uma noite antes que o trabalho esteja concluído? Winzy, você é vigilante, você é fiel. Você dormiu, meu rapaz, você dormiu a noite passada. Olhe para aquele recipiente de vidro. O líquido que ele contém é de um suave tom rosado; no momento em que começar a mudar de cor, acorde-me. Até lá, posso fechar os olhos. Primeiro, ficará branco e, em seguida, emitirá lampejos dourados; mas não espere até esse ponto; quando o tom rosado desaparecer, acorde-me.

Mal ouvi as últimas palavras, murmuradas em meio a um sono profundo. Mesmo assim, ele não se entregou por completo ao repouso.

— Winzy, meu rapaz — disse ele novamente —, não toque no recipiente, não o leve aos lábios; é um filtro, um filtro para curar o amor. Você não desejaria deixar de amar sua Bertha. Cuidado ao beber!

E ele adormeceu. Sua venerável cabeça afundou contra o peito, e mal se ouvia sua respiração regular. Por alguns minutos observei o recipiente — o tom rosado do líquido permanecia inalterado. Então meus pensamentos vagaram; visitaram a fonte e detiveram-se em mil cenas encantadoras que jamais se repetiriam — jamais! Serpentes e víboras habitavam meu coração enquanto a palavra "Nunca!" se formava em meus lábios. Menina falsa! — falsa e cruel! Nunca mais ela sorriria para mim como naquela noite sorriu para Albert. Mulher desprezível e detestável! Eu não ficaria impune — ela haveria de ver Albert expirar a seus pés, ela haveria de curvar-se sob o meu jugo de vingança. Ela sorrira com desdém e triunfo; conhecia minha miséria e seu próprio poder. Mas que poder ela tinha? — o poder de despertar meu ódio, meu desprezo absoluto, minha... oh, quase indiferença! Conseguiria eu alcançar isso? Conseguiria olhá-la com olhos indiferentes, a

ponto de entregar meu amor rejeitado a um afeto mais belo e verdadeiro? Isso seria, de fato, uma vitória!

Um clarão intenso passou diante dos meus olhos. Eu havia esquecido o remédio do mestre; contemplei-o com espanto: lampejos de admirável beleza, mais brilhantes do que os emitidos pelo diamante sob os raios do sol, reluziam na superfície do líquido. Um odor, o mais fragrante e agradável, invadiu meus sentidos; o recipiente parecia um globo de luz viva, encantador aos olhos e extremamente convidativo ao paladar. O primeiro pensamento, instintivamente inspirado pelos sentidos mais grosseiros, dominou-me: eu vou — eu preciso beber. Levei o recipiente aos lábios.

— Isso me curará do amor — da tortura! — exclamei.

O filósofo desconhecia completamente que eu havia bebido qualquer porção de sua poção. Sua ideia era, e eu tacitamente concordei, que eu havia erguido o recipiente por curiosidade e que, assustado com seu brilho e os flashes de luz intensa que emanava, o havia deixado cair. Nunca o desvencilhei desse engano. O fogo da poção se apagou — a fragrância se dissipou — ele se acalmou, como um filósofo deveria se acalmar sob as mais pesadas provações, e me dispensou para descansar.

Não tentarei descrever o sono de glória e bem-aventurança que banhou minha alma no paraíso durante as horas restantes daquela noite memorável. As palavras seriam ténues e superficiais para expressar meu prazer, ou a alegria que me invadiu ao despertar. Eu caminhava no ar — meus pensamentos estavam no céu. A Terra parecia o céu, e minha herança nela seria um êxtase de deleite. "É assim que se cura o amor", pensei; "verei Bertha hoje, e ela encontrará seu amado frio e indiferente; feliz demais para ser desdenhoso, e ainda assim, tão completamente indiferente a ela!"

As horas dançavam. O filósofo, certo de que tivera sucesso uma vez e convicto de que poderia alcançá-lo novamente, começou a preparar o mesmo remédio mais uma vez. Trancou-se com seus livros e drogas, e eu ganhei folga. Vesti-me com cuidado; olhei-me em um escudo antigo, porém polido, que me servia de espelho; achei que minha aparência havia melhorado de forma maravilhosa. Apressei-me para além dos limites da cidade, com alegria na alma, cercado pela beleza do céu e da terra. Voltei-me para o castelo — podia contemplar suas altas torres com leveza de espírito, pois julgava-me curado do amor. Minha Bertha viu-me de longe, enquanto eu subia a alameda. Não sei que impulso repentino animou seu peito, mas, ao ver-me, ela saltou com leveza e graciosidade pelos degraus de mármore e correu em minha direção. Mas outra pessoa já me havia avistado. A velha bruxa de alta linhagem, que se dizia sua protetora e era sua tirana, também me vira; ela subiu o terraço a coxear e ofegante. Um pajem, tão feio quanto ela, segurava a cauda de seu vestido e a abanava enquanto ela se apressava, para deter minha bela moça com uma reprimenda:

— Como vai, minha ousada senhora? Para onde vai tão depressa? Volte para sua gaiola — há gaviões à solta!

Bertha apertou as mãos — seus olhos ainda fixos em minha figura que se aproximava. Vi a disputa. Como eu detestava a velha bruxa que reprimia os impulsos bondosos do coração

enternecido de minha Bertha! Até então, o respeito por sua posição fizera-me evitar a senhora do castelo; agora eu desprezava tais considerações triviais. Julgava-me curado do amor e elevado acima de todos os medos humanos; apressei-me e logo cheguei ao terraço. Como Bertha estava linda! Seus olhos faiscavam, suas bochechas mostravam-se rubras de impaciência e raiva; ela estava mil vezes mais graciosa e encantadora do que nunca. Eu não a amava mais — Oh, não! Eu a adorava — venerava — idolatrava!

Naquela manhã, ela fora pressionada, com mais veemência do que o habitual, a consentir no matrimônio imediato com meu rival. Foi repreendida pelo incentivo que lhe demonstrara — ameaçaram-na de expulsão com desonra e vergonha. Seu espírito orgulhoso revoltou-se diante da ameaça; mas quando se lembrou do desprezo que me dirigira e de como, talvez, perdera aquele a quem agora considerava seu único amigo, chorou de remorso e fúria. Nesse instante, apareci.

— Oh, Winzy! — exclamou ela. — Leve-me para a casa de sua mãe; deixe-me abandonar rapidamente os luxos detestáveis e a miséria desta nobre morada — leve-me para a pobreza e a felicidade.

Abracei-a com êxtase. A velha senhora ficou sem palavras de fúria e só irrompeu em insultos quando já estávamos bem longe de sua vista. Minha mãe recebeu a bela fugitiva, escapada de uma gaiola dourada para a natureza e a liberdade, com ternura e alegria; meu pai, que a amava, acolheu-a de braços abertos. Foi um dia de júbilo, que não precisou da poção celestial do alquimista para banhar-me em deleite.

Logo após esse dia memorável, casei-me com Bertha. Deixei de ser aluno de Cornélio, mas continuei seu amigo. Sempre me senti grato a ele por ter, sem saber, proporcionado-me aquela deliciosa dose de um elixir divino que, em vez de curar-me do amor (cura triste! remédio solitário e sem alegria para males que parecem bênçãos na memória), inspirou-me coragem e determinação, o que me permitiu conquistar o tesouro inestimável de minha Bertha.

Muitas vezes recordava com admiração aquele período de êxtase quase transcendental. A bebida de Cornélio não cumprira o propósito para o qual ele afirmara que fora preparada, mas seus efeitos mostraram-se mais potentes e extasiantes do que as palavras podem expressar.

Desvaneciam-se gradualmente, mas persistiram por muito tempo — e tingiram a vida de esplendor. Bertha frequentemente se admirava com minha leveza de espírito e alegria incomum; pois, antes, eu era bastante sério, ou até mesmo triste. Ela me amava ainda mais por meu temperamento alegre, e nossos dias eram repletos de felicidade.

Cinco anos depois, fui subitamente chamado ao leito de morte de Cornélio. Ele me chamara às pressas, com um pedido por minha presença imediata. Encontrei-o estendido em seu catre, debilitado até as portas da morte; toda a vida que ainda lhe restava animava seus olhos penetrantes, fixos em um recipiente de vidro cheio de um líquido rosado.

— Eis — disse ele, com voz embargada e introspectiva —, a vaidade dos desejos humanos! Pela segunda vez minhas esperanças estão prestes a ser coroadas; pela segunda vez são destruídas.

Olhe para essa bebida — você decerto se lembra de que, há cinco anos, eu a preparei com o mesmo sucesso. Então, como agora, meus lábios sedentos esperavam provar o elixir da imortalidade — e você o roubou de mim! Agora é tarde demais.

Ele falou com dificuldade e recostou-se no travesseiro. Não pude deixar de indagar:

— Como, venerável mestre, uma cura para o amor poderia restaurar a sua vida?

Um leve sorriso surgiu em seu rosto enquanto eu ouvia atentamente sua resposta quase ininteligível.

— Uma cura para o amor e para todas as coisas — o Elixir da Imortalidade. Ah! Se eu pudesse beber agora, viveria para sempre!

Mentre ele falava, um brilho dourado emanou do líquido; uma fragrância familiar invadiu o ar. O mestre ergueu-se, por mais fraco que estivesse — a força pareceu retornar-lhe milagrosamente ao corpo — e estendeu a mão. Uma forte explosão assustou-me; um raio de fogo irrompeu do elixir, e o recipiente de vidro que o continha foi reduzido a átomos! Voltei meus olhos para o filósofo; ele caíra para trás — seus olhos estavam vidrados, suas feições rígidas. Ele estava morto!

Mas eu vivi, e viveria para sempre! Assim dissera o infeliz alquimista e, por alguns dias, acreditei em suas palavras. Lembrei-me da gloriosa embriaguez que se seguiu à minha poção roubada. Refleti sobre a mudança que senti em meu corpo — em minha alma. A elasticidade vibrante de um, a leveza exuberante da outra. Observei-me em um espelho e não consegui perceber nenhuma mudança em minhas feições durante os cinco anos que se passaram. Lembrei-me dos tons radiantes e do aroma agradável daquela bebida deliciosa — digna do dom que era capaz de conceder — eu era, então, IMORTAL!

Alguns dias depois, ri da minha própria credulidade. O velho provérbio de que um profeta é menos considerado em sua própria terra mostrava-se verdadeiro em relação a mim e ao meu falecido mestre. Eu o amava como homem, respeitava-o como sábio, mas ridicularizava a ideia de que ele pudesse comandar os poderes das trevas e ria dos temores supersticiosos com que o vulgo o via. Ele era um filósofo sábio, mas não tinha conhecimento de nenhum espírito além daqueles revestidos de carne e osso. Sua ciência era simplesmente humana; e a ciência humana, logo me convenci, jamais poderia vencer as leis da natureza a ponto de aprisionar a alma para sempre em sua morada carnal. Cornélio preparara uma bebida revigorante para a alma — mais inebriante que o vinho, mais doce e mais perfumada que qualquer fruta. Provavelmente possuía fortes propriedades medicinais, a conferir alegria ao coração e vigor aos membros; mas seus efeitos passariam; de fato, já se mostravam diminuídos em meu corpo. Tive a sorte de usufruir de saúde e alegria, e talvez de uma vida longa pelas mãos do meu mestre; mas a minha boa sorte terminava aí: a longevidade era algo muito diferente da imortalidade.

Continuei a alimentar essa crença por muitos anos. Às vezes, um pensamento me invadia: será que o alquimista realmente se enganara? Mas minha crença habitual era a de que eu encontraria

o destino de todos os filhos de Adão no tempo determinado — um pouco atrasado, é verdade, mas ainda em idade natural. Contudo, era certo que eu conservava uma aparência maravilhosamente jovem. Riam de mim por minha vaidade em consultar o espelho com tanta frequência, mas eu o consultava em vão; minha testa estava lisa — minhas bochechas, meus olhos, toda a minha pessoa permanecia tão imaculada quanto aos meus vinte anos.

Eu estava perturbado. Observei a beleza desvanecida de Bertha — eu parecia mais seu filho do que seu esposo. Aos poucos, nossos vizinhos começaram a fazer observações semelhantes, e descobri, por fim, que eu era conhecido como o Erudito Enfeitiçado. A própria Bertha ficou inquieta. Tornou-se ciumenta e irritadiça e, por fim, começou a me questionar. Não tínhamos filhos; éramos tudo um para o outro; e embora, com o passar dos anos, seu espírito vivaz se tornasse um pouco mais temperamental, e sua beleza tristemente diminuísse, eu a guardava em meu coração como a amante que eu idolatrava, a esposa que eu buscara e conquistara com tanto amor.

Por fim, nossa situação tornou-se insuportável: Bertha tinha cinquenta anos — eu, na aparência, vinte. Eu, com muita vergonha, adotara, em certa medida, os hábitos de uma idade mais avançada; não me misturava mais à dança entre os jovens e alegres, embora meu coração palpitasse junto com eles enquanto eu refreava os passos; de fato, eu era uma figura lamentável entre os anciãos de nossa aldeia. Mas, antes do período que mencionei, as coisas mudaram — passamos a ser evitados por todos; fomos — ou melhor, eu fui — acusado de manter uma relação iníqua com alguns dos supostos aliados do meu antigo senhor. A pobre Bertha era alvo de pena, mas acabou abandonada. Eu, por outro lado, era visto com horror e detestação.

O que fazer? Estávamos sentados junto à lareira de inverno — a pobreza se fazia sentir, pois ninguém queria comprar os produtos da minha fazenda; e muitas vezes fui obrigado a viajar trinta quilômetros, para algum lugar onde eu não era conhecido, a fim de me desfazer dos nossos bens. É verdade, tínhamos guardado algo para um dia ruim — e esse dia havia chegado.

Estávamos sentados junto à nossa solitária lareira — o jovem de espírito velho e sua esposa antiquada. Mais uma vez, Bertha insistiu em saber a verdade; recapitulou tudo o que ouvira dizer a meu respeito e acrescentou as próprias observações. Incitou-me a quebrar o feitiço; descreveu como os cabelos grisalhos eram muito mais belos do que as minhas mechas castanhas; discorreu sobre a reverência e o respeito devidos à idade — quão preferíveis eram em relação à pouca consideração dedicada às meras crianças. Perguntou-me se eu podia imaginar que os desprezíveis dons da juventude e da boa aparência superassem a desgraça, o ódio e o desprezo que nos cercavam. Afirmou que, no fim, eu seria queimado como um praticante de magia negra, enquanto ela, a quem eu não me dignara a comunicar nenhuma parte da minha boa fortuna, poderia ser apedrejada como minha cúmplice. Por fim, insinuou que eu deveria compartilhar meu segredo e conceder-lhe benefícios semelhantes aos que eu mesmo desfrutava, ou ela me denunciaria — e então caiu em prantos.

Assim, diante da situação, julguei que a melhor saída seria contar a verdade. Revelei-a com a maior ternura que pude e falei apenas de uma vida muito longa, não de imortalidade —

representação que, aliás, coincidia melhor com as minhas próprias ideias. Quando terminei, levantei-me e disse:

— E agora, minha Bertha, que sabe a verdade, você vai me denunciar?

— E agora, minha Bertha, vai denunciar o amor de sua juventude? — indaguei. — Sei que não. Mas é demasiado difícil, minha pobre esposa, que sofra com a minha má sorte e com as artes malditas de Cornélio. Vou deixá-la; você tem riquezas suficientes e os amigos voltarão na minha ausência. Irei; por mais jovem que pareça e por mais forte que seja, posso trabalhar e ganhar o meu pão entre estranhos, onde serei desconhecido e livre de suspeitas. Amei-a na juventude; Deus é minha testemunha de que não a abandonaria na velhice, mas a sua segurança e a sua felicidade exigem este sacrifício.

Peguei meu barrete e caminhei em direção à porta; num instante, os braços de Bertha envolveram meu pescoço e seus lábios uniram-se aos meus.

— Não, meu marido, meu Winzy — disse ela —, você não irá sozinho. Leve-me com você; partiremos deste lugar e, como diz, entre estranhos, passaremos despercebidos e estaremos seguros. Não sou tão velha a ponto de envergonhá-lo, meu Winzy; e ouso dizer que o encanto logo se dissipará e, com a bênção de Deus, você ficará com uma aparência mais envelhecida, como convém. Você não me deixará!

Retribui o abraço da boa alma de todo o coração.

— Não farei isso, minha Bertha; mas, por sua causa, eu não havia pensado em tal alternativa. Serei seu verdadeiro e fiel marido enquanto você me for concedida, e cumprirei meu dever para com você até o fim.

No dia seguinte, preparamos secretamente nossa emigração. Fomos obrigados a fazer grandes sacrifícios financeiros — isso era inevitável. Conseguimos juntar uma quantia suficiente, ao menos, para nos sustentar enquanto Bertha vivesse; e, sem nos despedirmos de ninguém, deixamos nossa terra natal para nos refugiarmos em uma região remota do oeste da França.

Foi cruel transportar a pobre Bertha de sua aldeia natal e dos amigos de sua juventude para um novo país, uma nova língua, novos costumes. O estranho segredo do meu destino tornou essa mudança irrelevante para mim; mas eu me compadecia profundamente dela e fiquei feliz ao perceber que ela encontrava compensação para seus infortúnios em uma série de pequenas circunstâncias singulares. Longe de todos os cronistas fofoqueiros da nossa antiga vila, ela procurava diminuir a aparente disparidade de nossas idades com mil artifícios femininos — rouge, roupas joviais e uma falsa vivacidade nos modos. Eu não conseguia sentir raiva. Eu mesmo não usava uma máscara? Por que condenar a dela, apenas por ser menos eficaz? No entanto, senti uma profunda tristeza ao me lembrar de que aquela era a minha Bertha, a quem eu amara com tanto carinho e conquistara com tanto êxtase — a garota de olhos e cabelos escuros, com sorrisos de encantadora malícia e passos delicados como os de um cervo —, agora transformada naquela velha

artificial e ciumenta. Eu deveria ter reverenciado seus cabelos grisalhos e suas bochechas enrugadas; mas vê-la assim! Era obra minha, bem o sabia; mas nem por isso deixei de lamentar esse tipo de fraqueza humana.

Seu ciúme nunca dormia. Sua principal ocupação consistia em descobrir se, apesar das aparências externas, eu também não estava a envelhecer. Acredito sinceramente que a pobre alma me amava de verdade em seu coração, mas nunca houve mulher com um modo tão torturante de demonstrar afeto. Ela inventava rugas em meu rosto e decrepitude em meu andar, enquanto eu caminhava com vigor juvenil, o mais jovem entre vinte rapazes. Eu nunca ousava dirigir a palavra a outra mulher. Em certa ocasião, ao imaginar que a beldade da aldeia me olhava com olhos favoráveis, ela me trouxe uma peruca grisalha. Seu discurso constante entre as conhecidas era o de que, embora eu parecesse tão jovem, havia uma ruína oculta a agir em meu interior; e ela afirmava que o pior sintoma em mim era justamente a minha saúde aparente. Minha juventude era uma doença, dizia ela, e eu deveria estar sempre preparado, se não para uma morte súbita e terrível, ao menos para acordar alguma manhã com os cabelos brancos e o corpo curvado, com todos os sinais da idade avançada. Eu a deixava falar — muitas vezes me juntava às suas conjecturas. Seus alertas coincidiam com as minhas incessantes especulações sobre meu estado, e passei a ter um interesse sincero, embora doloroso, em ouvir tudo o que sua sagacidade e sua imaginação fértil tinham a dizer sobre o assunto.

Por que insistir nesses detalhes insignificantes? Vivemos por muitos e longos anos. Bertha ficou acamada e paralítica; cuidei dela como uma mãe cuida de uma criança. Ela tornou-se irritadiça e persistia na mesma indagação: quanto tempo eu sobreviveria a ela. Sempre foi um consolo para mim o fato de ter cumprido meu dever escrupulosamente para com ela. Ela fora minha na juventude, foi minha na velhice; e, por fim, quando cobri seu corpo com a terra, chorei ao sentir que havia perdido tudo o que realmente me ligava à humanidade.

Desde então, quantas foram as minhas preocupações e aflições, quão poucos e vazios os meus prazeres! Faço uma pausa aqui na minha história — não a prosseguirei. Um marinheiro sem leme nem bússola, lançado em mar tempestuoso — um viajante perdido em um vasto ermo, sem marco ou pedra que o guie —, assim tenho sido: mais perdido, mais desesperançoso do que qualquer um deles. Um navio a aproximar-se, um vislumbre de alguma cabana distante, tudo isso pode salvá-los; mas eu não tenho farol, exceto a esperança da morte.

Morte! Misteriosa e sinistra amiga da frágil humanidade! Por que, dentre todos os mortais, expulsaste-me de teu abrigo? Oh, pela paz da sepultura! Pelo profundo silêncio do túmulo de ferro! Sob o seu manto, este pensamento deixaria de me assombrar, e meu coração pararia de pulsar com emoções que apenas se alternam em novas formas de tristeza!

Sou imortal? Retorno à minha primeira pergunta. Em primeiro lugar, não é mais provável que a bebida do alquimista estivesse repleta de longevidade do que de vida eterna? Essa é a minha esperança. E lembrem-se de que bebi apenas metade da poção preparada por ele. Não era necessário esvaziar o recipiente para completar o encanto? Ter bebido metade do Elixir da Imortalidade talvez signifique ser apenas meio imortal — e meu "Para Sempre" fica, assim, truncado e nulo.

Mas, afinal, quem poderá contar os anos da metade da eternidade? Muitas vezes tento conceber por qual regra o infinito pode ser dividido. Às vezes, imagino que a senectude avança sobre mim. Encontrei um fio de cabelo branco. Tolo!, lamento. Sim, o medo da idade e da morte muitas vezes se insinua friamente em meu coração; e quanto mais vivo, mais temo o fim, ainda que abomine a existência. Tal enigma é o homem — nascido para perecer — quando luta, como eu, contra as leis estabelecidas de sua própria natureza.

Mas, não fosse por essa anomalia de sentimento, certamente eu poderia morrer: a medicina do alquimista não seria à prova de fogo, da espada ou das águas que sufocam. Contemplei as profundezas azuis de muitos lagos plácidos e o turbilhão tumultuoso de muitos rios caudalosos, e disse: a paz habita essas águas; contudo, desviei-me do caminho a fim de viver mais um dia. Perguntei-me se o suicídio seria um crime para alguém a quem apenas por essa via os portais do outro mundo poderiam se abrir. Fiz de tudo, exceto apresentar-me como soldado ou duelista, como um objeto de destruição para os meus... não, não para os meus semelhantes mortais — e, portanto, recuei. Eles não são meus semelhantes. O poder inextinguível da vida em meu corpo e a existência efêmera deles colocam-nos tão distantes quanto os polos. Eu não poderia erguer a mão contra o mais insignificante ou o mais poderoso entre eles.

Assim vivi por muitos anos — sozinho e cansado de mim mesmo —, com o desejo da morte, mas sem jamais morrer — um mortal imortal. Nem a ambição nem a avareza podem invadir minha mente; e o amor ardente que me corrói o coração, jamais correspondido — por nunca encontrar um igual a quem se entregar —, habita em meu peito apenas para me atormentar. Neste mesmo dia, concebi um plano por meio do qual poderei pôr fim a tudo — sem o suicídio, sem transformar outro homem em Caim —; uma expedição à qual um corpo mortal jamais poderá sobreviver, mesmo dotado da juventude e da força que me habitam. Assim, porei minha imortalidade à prova e descansarei para sempre — ou retornarei como a maravilha e o benfeitor da espécie humana. Antes de partir, uma vaidade miserável levou-me a escrever estas páginas. Não quero morrer sem deixar rastro. Três séculos se passaram desde que consumi a bebida fatal; não passará mais um ano antes que, ao enfrentar perigos gigantescos — a combater os poderes do gelo em seu próprio lar —, fustigado pela fome, pelo trabalho árduo e pela tempestade, eu entregue este corpo, uma prisão tenaz demais para uma alma sedenta de liberdade, aos elementos destrutivos do ar e da água. Ou, se eu sobreviver, meu nome será registrado como um dos mais famosos entre os filhos dos homens; e, cumprida minha missão, adotarei meios mais resolutos e, por meio da dispersão e da aniquilação dos átomos que compõem meu ser, libertarei a vida aprisionada em meu interior, tão cruelmente impedida de alçar voo desta terra sombria para uma esfera mais propícia à sua essência imortal.

FIM